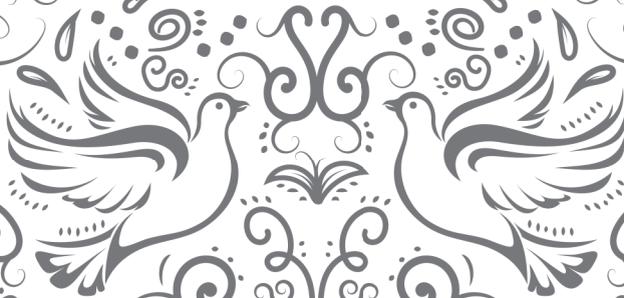


O HOMEM ETERNO

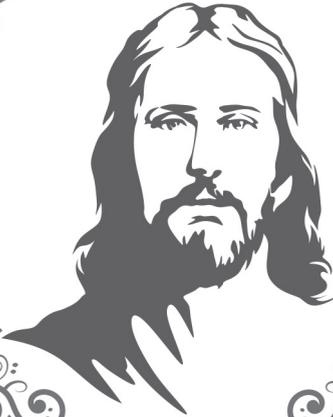


3

2

7

G. K. Chesterton



O HOMEM ETERNO

Tradução: Francisco Nunes



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
The everlasting man

Revisão
Renata Melo e Mariane Genaro

Texto
C. K. Chesterton

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Tradução
Francisco Nunes

Imagens
Vectorcarrot/Shutterstock.com;
Naddya/Shutterstock.com;
Solomnikov/Shutterstock.com

Preparação
Mariana Góis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

C525h	Chesterton, G. K.
	O homem eterno / G. K. Chesterton ; traduzido por Francisco Nunes. - Jandira, SP : Principis, 2020. 336 p. ; 15,5cm x 22,6cm. – (Clássicos da literatura cristã)
	Tradução de: The everlasting man Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-168-9
	1. Literatura cristã. I. Nunes, Francisco. II. Título. III. Série.
2020-2407	CDD 240 CDU 24

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura cristã 240
2. Literatura cristã 24

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Nota introdutória	7
Introdução: O intento deste livro	9
Parte 1 – Sobre a criatura chamada homem	23
Capítulo 1 – O homem na caverna	24
Capítulo 2 – Professores universitários e homens pré-históricos ..	45
Capítulo 3 – A antiguidade da civilização.....	64
Capítulo 4 – Deus e religião comparada	96
Capítulo 5 – O homem e as mitologias	120
Capítulo 6 – Os demônios e os filósofos	140
Capítulo 7 – A guerra entre deuses e demônios.....	167
Capítulo 8 – O fim do mundo	185
Parte 2 – Sobre o homem chamado Cristo	203
Capítulo 1 – Deus na caverna	204
Capítulo 2 – Os enigmas do evangelho	225
Capítulo 3 – A história mais estranha do mundo	241
Capítulo 4 – O testemunho dos hereges.....	260
Capítulo 5 – A fuga do paganismo.....	283
Capítulo 6 – As cinco mortes da fé	305
Conclusão – O resumo deste livro	321
Apêndice 1 – Sobre o homem pré-histórico	333
Apêndice 2 – Sobre autoridade e precisão	335



NOTA INTRODUTÓRIA

Este livro precisa de uma nota preliminar para que seu conteúdo não seja mal interpretado. O ponto de vista sugerido é mais histórico que teológico, e não aborda diretamente uma mudança religiosa (a passagem mais importante da minha vida) sobre a qual estou escrevendo uma obra ainda mais controversa. Creio ser impossível para algum católico escrever um livro sobre qualquer assunto, sobretudo esse, de forma laica; mas este estudo não tem a intenção de mostrar as diferenças entre católicos e protestantes. Boa parte se dedica a analisar diversos tipos de pagão mais que a qualquer cristão, e alertar sobre a falácia de que Cristo e o cristianismo se equiparam a mitos e religiões semelhantes, desmentida por fatos bem óbvios.

Assim, não precisei ir muito além de assuntos já conhecidos pelo grande público. Não pretendo ser um grande pensador; para algumas coisas costumo depender dos mais instruídos – é de praxe. Como discordei mais de uma vez do sr. H. G. Wells¹ em sua visão da história,

¹ Herbert George Wells (1866-1946), escritor inglês, de inclinações socialistas, considerado o pai da literatura de ficção científica, misturava imaginação fantástica com especulações a respeito dos aspectos sociais. Escreveu *A máquina do tempo*, *A guerra dos mundos* e mais de uma centena de obras. (N.T.)

G. K. CHESTERTON

é mais correto que eu o felicite aqui pela coragem e pela imaginação criativa que produziram sua vasta obra, tão diversa e fascinante, sobretudo por ter legitimado o direito do amador a fazer o que pudesse com os fatos publicados por especialistas.



INTRODUÇÃO

O INTENTO DESTE LIVRO

Existem duas maneiras de chegar em casa – uma delas é não sair nunca. A outra é andar pelo mundo até voltar ao mesmo lugar. Tentei traçar essa jornada em uma história que escrevi certa vez. Mas é um alívio passar desse tópico para outra história que nunca escrevi. E justamente por esse motivo, este é de longe o melhor livro que já escrevi. É muito provável que nunca o escreva; então, o usarei simbolicamente, já que representava a mesma verdade. Eu o idealizei como um romance no qual as cenas se passam em vales imensos entre montes íngremes, ao longo dos quais os antigos Cavalos Brancos de Wessex² estão rabiscados na silhueta das colinas. Era sobre um garoto cuja fazenda ou chalé ficava em um declive como esse e que viajou para encontrar algo, como a imagem e a sepultura de um gigante. Quando estava bem longe de casa,

² São nove cavalos “entalhados” em colinas calcárias na região de Wessex, na Inglaterra. O mais conhecido, o Cavalo Branco de Bratton, tem 55 metros de altura e 52 metros de comprimento. A origem dos desenhos é imprecisa, talvez relembrando vitórias dos ingleses contra os saxões no século IX. (N.T.)

ele olhava para trás e via que sua fazenda e sua horta, brilhando na encosta como se fossem as cores e os quartos de um escudo, eram apenas fragmentos de uma paisagem muito maior, da qual ele sempre fez parte, mas próxima demais para ser vista. Para mim, essa é uma ilustração verdadeira do progresso de qualquer inteligência independente de verdade hoje – é o ponto que defendo neste livro.

O que defendo neste livro, em outras palavras, é que a melhor coisa, além de estar de fato dentro da cristandade, é também estar fora dela. E um aspecto particular disso é que os críticos populares do cristianismo não mantêm esse distanciamento. Eles estão em um limbo controverso, em todos os sentidos do termo – questionando as próprias dúvidas. Suas críticas ganharam um tom curioso, como se fosse um protesto aleatório e sem embasamento. Assim, eles tratam o jargão atual e anticlerical como se fossem conversa fiada. Reclamam do pároco se vestindo como tal, como se fôssemos mais livres se todos os policiais que nos vigiam ou nos ameaçam estivessem sempre à paisana. Ou reclamam que um sermão não pode ser interrompido e chamam o púlpito de castelo do covarde, embora não digam o mesmo do escritório de um editor, por exemplo. Seria injusto para jornalistas e sacerdotes, mas soaria muito mais verdadeiro da parte do jornalista. O clérigo aparece em pessoa e pode ser facilmente substituído quando sai da igreja; o jornalista esconde até o próprio nome para que ninguém possa prejudicá-lo. Jornalistas escrevem matérias e cartas furiosas, sem nexos, sobre o porquê das igrejas estarem vazias sem sequer averiguar se todas estão mesmo vazias ou só algumas delas. Suas sugestões são mais enfadonhas e inconsistentes que o cura mais chato de uma farsa de três atos, e nos levam a consolá-lo à maneira do cura nas *Bab Ballads*: “Sua mente não é tão vazia quanto a de Hopley Porter”³.

3 As *Baladas de Bab* são uma coleção de versos ingênuos do poeta inglês William Schwenck Gilbert (1836-1911). A citação é do poema “The Rival Curates” [Os curas rivais]. W. S. Gilbert, *Bab Ballads* (Londres: MacMillan and Co. Limited, 1920), p. 9, versão epub. (N.T.)

Portanto, podemos dizer com toda a sinceridade ao mais débil clérigo: “Sua mente não é tão vazia quanto a mente do Leigo Indignado, do Homem Comum ou do Homem na Rua⁴, ou de qualquer um de seus críticos nos jornais, pois eles não têm a mais vaga noção do que eles mesmos querem. E muito menos do que você deve dar a eles”. De repente eles mudam de ideia e criticam a Igreja por ter permitido a Guerra, a qual eles próprios não quiseram impedir; e que ninguém jamais mostrou ser capaz de fazer o mesmo, exceto alguns da própria escola de céticos progressistas e cosmopolitas que são os principais inimigos da Igreja. Foi o mundo anticlerical e agnóstico que sempre profetizou o advento da paz universal; aquele mundo que foi, ou deveria ter sido, envergonhado e confundido pelo advento da guerra universal. Quanto à visão geral de que a Igreja foi desmoralizada pela Guerra, eles também poderiam dizer que a Arca foi desmoralizada pelo Dilúvio. Quando o mundo dá errado, é a prova de que a Igreja está certa. A Igreja é justificada porque seus filhos pecam, e não o contrário.

Essa atitude representa a posição dos críticos quanto à tradição religiosa contra a qual reagem. Enquanto o menino mora na terra do pai está tudo bem, e assim continua quando ele se afasta o suficiente a fim de olhar para trás e vê-la como um todo. Mas essas pessoas passaram para outro nível: caíram em um vale intermediário, do qual não conseguem ver nada além ou atrás delas – estão presas na penumbra da controvérsia cristã e perderam a luz da fé. Não podem ser cristãs e não conseguem deixar de ser anticristãs. Vivem na atmosfera de reação: melindre, perversidade, críticas mesquinhas.

Em primeiro lugar, a melhor relação com nosso lar espiritual é estar perto o suficiente para amá-lo. E em segundo, estar longe o suficiente para não odiá-lo. Nestas páginas, digo que embora o melhor juiz do cristianismo seja um cristão, o próximo melhor juiz seria alguém mais

4 Foram mantidas aqui, e ao longo do livro, as iniciais maiúsculas usadas pelo autor. (N.T.)

parecido com um confucionista. O pior juiz é o homem que agora tem mais munição para fazer seus ataques: o cristão educado com poucos recursos se transformando de modo gradual no agnóstico mal-humorado, que acaba enrascado em uma discussão da qual ele nunca entendeu o começo, degenerado por uma apatia hereditária da qual ele não faz a menor ideia, e já cansado de ouvir as mesmas coisas (e nunca entendê-las). Ele não julga o cristianismo com a calma de um confucionista nem da mesma forma como julgaria o próprio confucionismo. Ele não pode, por telepatia, colocar a Igreja Católica a milhares de quilômetros de distância pelos céus da manhã e julgá-la tão imparcialmente quanto um templo chinês.

Dizem que o grande São Francisco Xavier⁵, em sua tentativa de estabelecer a Igreja ali como uma torre sobre todos os templos, falhou em parte porque seus seguidores foram acusados pelos companheiros missionários de apresentar os Doze Apóstolos com roupas ou características chinesas. Mas seria muito melhor vê-los assim e julgá-los imparcialmente, do que vê-los como ídolos medíocres, criados apenas para serem agredidos por iconoclastas; ou pior, como santos do pau oco atacados pelos pobres santos do centro de Londres⁶. Seria melhor analisar tudo como uma seita asiática longínqua; a mitra dos bispos como os imponentes ornamentos de misteriosos sacerdotes; suas assembleias pastorais como varas retorcidas, tal qual serpentes carregadas em algum cortejo oriental; ver o livro de orações como algo tão fantástico quanto a roda de orações, e a Cruz tão tortuosa quanto a Suástica.

Por fim, não devemos chegar a esse ponto, já que alguns dos críticos céticos parecem perder a paciência – e também a inteligência. Seu anticlericalismo tornou-se uma atmosfera, uma aura de negação e hostilidade da qual eles não conseguem escapar. Fazendo uma analogia,

5 Francisco de Jasso Azpilicueta Atondo y Aznáres (1506-1552), missionário católico, cofundador da Ordem dos Jesuítas. (N.T.)

6 O autor faz um jogo de palavras, intraduzível para o português, com *cockshies* e *cockneys*. (N.T.)

seria melhor ver tudo pelo ponto de vista cultural, pertencente a outro continente ou planeta. Seria mais espiritual tratar os sacerdotes com indiferença do que ficar resmungando impropérios contra os bispos sem parar. Seria melhor passar reto por uma igreja, como se fosse um templo, do que ficar parado no átrio, incapaz de entrar e ajudar ou sair e deixar de vez. Para quem uma mera reação se tornou uma obsessão, recomendo seriamente o esforço imaginativo de conceber os Doze Apóstolos como chineses. Em outras palavras, aconselho a esses críticos tentarem fazer tanta justiça aos santos cristãos como fariam se fossem sábios pagãos.

Mas com isso chegamos ao argumento final e mais importante, que tentarei mostrar nestas páginas: quando fizermos esse esforço imaginativo para ter uma visão ampla, de fora, descobriremos algo muito próximo da visão tradicional de quem está do lado de dentro. No exato momento em que o garoto fica longe o suficiente para ver o gigante, ele não tem mais dúvidas. Por fim, ao ver a Igreja Cristã de longe, sob os céus claros e nivelados do leste, temos certeza de que é a Igreja de Cristo. Em síntese, quando somos de fato imparciais, sabemos por que as pessoas não o são. Mas essa última proposição requer uma discussão mais séria; e aqui me apresento para discuti-la.

Assim que me veio à mente essa concepção sólida no caráter solitário e único da história divina, ocorreu-me que havia exatamente o mesmo caráter singular e, no entanto, sólido na história humana que a levava a esse ponto – porque também tinha uma raiz divina. Quero dizer que, assim como a Igreja parece se tornar mais notável quando comparada gentilmente à vida religiosa comum da humanidade, esta também parece se tornar mais notável quando a comparamos à vida comum do mundo físico. E percebi que a maior parte da história moderna é conduzida como se fosse um sofisma, primeiro para mitigar a transformação de animais em homens e, em seguida, nivelar o caminho da conversão de pagãos em cristãos. Porém, quanto mais lemos com

um espírito que seja, de fato, realista sobre essas duas transições, mais percebemos quão radicais elas são. E justamente pela falta de imparcialidade dos críticos eles não a veem; como não enxergam as coisas sob uma luz pura, não conseguem ver a diferença entre preto e branco. Como estão em um *modus operandi* de reação e revolta, agora têm um motivo para entender que todo branco é cinza sujo e o preto não é tão escuro quanto parece.

Não nego que haja desculpas humanamente plausíveis para essa revolta nem que isso ajude em algo; quero dizer que isso não é, de forma alguma, imutável. Um iconoclasta pode estar indignado por razões legítimas, mas não é imparcial. E é pura hipocrisia fingir que noventa e nove por cento dos críticos mais titulados, dos evolucionistas científicos e dos professores de teologia comparada são os menos imparciais. Por que eles deveriam ser imparciais? Aliás, o que é ser imparcial quando o mundo inteiro está em guerra sobre a existência de uma superstição voraz ou uma esperança divina? Não pretendo ser imparcial no sentido de que o último ato da fé cura a mente de um homem porque a satisfaz. Mas eu me declaro muito mais imparcial, no sentido de poder contar a história de maneira fiel, com alguma justiça eficiente para todos, coisa que eles não podem. Imparcial no sentido de que eu deveria ter muita vergonha de falar tantos absurdos sobre o Dalai-lama do Tibete como eles o fazem com respeito ao papa de Roma, ou ter tão pouca simpatia por Juliano, o Apóstata⁷, quanto pela Sociedade de Jesus⁸. Eles não são imparciais – nunca, sem qualquer possibilidade, sequer mantêm as escalas históricas; e, acima de tudo, jamais o seriam nessa questão da evolução e transição. Eles falam em todos os lugares sobre os tons escuros do crepúsculo, porque acreditam ser o crepúsculo dos deuses.

7 Flávio Cláudio Juliano (331-363 d.C.), imperador romano que declarou ser pagão ao assumir o reino. Embora pregasse tolerância religiosa, foi perseguidor dos cristãos. (N.T.)

8 Ou Companhia de Jesus, ordem missionária católica fundada por Inácio de Loyola (1491-1556) como parte da Contrarreforma. (N.T.)

O HOMEM ETERNO

Para mim, seja dos deuses ou não, não é a luz do dia que incide sobre os homens.

Eu sustento que, quando trazidas à luz do dia, essas duas coisas parecem completamente intrínsecas e singulares, e talvez em um falso crepúsculo de um período fictício de transição sejam confundidas com alguma outra coisa. A primeira delas é a criatura chamada homem; a segunda é o homem chamado Cristo. Portanto, dividi este livro em duas partes: a primeira é um esboço da principal aventura da raça humana, enquanto permaneceu pagã; e a segunda, um resumo da diferença real que se fez por ela tornar-se cristã. Ambos os motivos requerem certo método, o que não é muito fácil de administrar e talvez até mais difícil de definir ou defender.

Para atingir, no único sentido lúcido ou possível, o nível de imparcialidade, é necessário tocar o ponto nevrálgico da novidade. Quero dizer, por um lado, que somos justos quando vemos algo pela primeira vez. Por isso, diga-se de passagem, as crianças geralmente têm pouca dificuldade em compreender os dogmas da Igreja, mas esta, sendo tão pragmática ao honrar suas obras e lutar o bom combate, é feita necessariamente para homens e não apenas para crianças. No que diz respeito ao trabalho, devem estar presentes muita tradição, familiaridade e hábitos. Enquanto seus fundamentos forem experimentados de verdade, essa será a escolha mais sensata. Mas quando seus fundamentos são questionados, como ocorre hoje, devemos tentar recuperar a sinceridade e a admiração das crianças, o realismo intocado e a objetividade da inocência. Ou, se não pudermos fazer isso, devemos, pelo menos, tentar afastar a nuvem do mero costume e ver a coisa como nova, como algo diferente. Coisas que podem muito bem ser familiares, desde que causem afeto, se tornam muito mais distantes quando essa familiaridade causa desprezo. Pois, em conexão com forças tão maiores, como as aqui consideradas, qualquer que seja nossa visão sobre elas, o desprezo deve ser um erro – ou melhor, uma ilusão. Devemos invocar a nossa face mais ilimitada e sublime: a imaginação que pode ver além.